



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

WALQUÍRIA SINESIO DA SILVA

**LOUCO OU CRUEL? O PSICOPATA NO CONTO *PASSEIO NOTURNO, I E II*,  
DE RUBEM FONSECA**

João Pessoa

2018

WALQUÍRIA SINESIO DA SILVA

**LOUCO OU CRUEL? O PSICOPATA NO CONTO *PASSEIO NOTURNO, I E II*,  
DE RUBEM FONSECA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Letras Clássicas e Vernáculas, como  
requisito para obtenção do título de  
licenciada em Letras.

**Orientador: Prof. Dr. Hermano  
de França Rodrigues**

João Pessoa

2018

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S586l Silva, Walquiria Sinesio da.

Louco ou cruel: O Psicopata no conto Passeio Noturno, I e II, de Rubem Fonseca / Walquiria Sinesio da Silva. - João Pessoa, 2018.

39 f.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Psicopatia, comportamento, conto literário, teoria.  
I. Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/CCHLA

WALQUÍRIA SINESIO DA SILVA

**LOUCO OU CRUEL? O PSICOPATA NO CONTO *PASSEIO NOTURNO, I E II*,  
DE RUBEM FONSECA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Letras Clássicas e Vernáculas, como  
requisito para obtenção do título de  
licenciada em Letras.

**Orientador: Prof. Dr. Hermano  
de França Rodrigues**

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues  
(Orientador)

---

Profa. Dr. Wilma Martins de Mendonça

---

Profa. Ms. Elisangela Marcos Sedlmaier

---

Profa. Dra. Fabiana Souza Silva Mendes de Araújo

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, que foi minha Força e Coragem nessa longa caminhada da graduação.

Aos meus pais e irmãos, pelo incentivo e pelo amor de sempre, coisas essenciais para chegar até aqui.

Ao meu esposo, Diego, pelo apoio e ajuda em tantos trabalhos acadêmicos.

Aos amigos que estiverem comigo nos bons e maus momentos que a vida de universitário proporciona. Em especial, agradeço à Thamires Ellis, companheira de todas as horas intermináveis de estudo, à Verônica Cristina, à Vanessa Reis, à Karla Andryelle, à Clara Carvalho, e a tantos outros que contribuíram de alguma forma durante esse período.

Agradeço ao meu orientador, Hermano Rodrigues, pela paciência e dedicação durante a elaboração do TCC.

Escrever foi a mais agonizante de todas as  
lutas que enfrentei.

**Rubem Fonseca**

## RESUMO

O presente trabalho, intitulado *Louco ou cruel: o Psicopata* no conto *Passeio Noturno, I e II*, de Rubem Fonseca, tem como objetivo analisar o comportamento do personagem principal presente no conto acima citado. O conto, narrado em primeira pessoa, apresenta a rotina do protagonista, um executivo da classe alta. Após o jantar, depois de mais um dia de trabalho, realiza passeios pela cidade, matando pedestres, escolhidos de forma aleatória, como forma de obter prazer. Pelo ponto de vista da psiquiatria e com base em textos de autores como Ana Beatriz Barbosa Silva (2008), Katia Mecler (2015), Ilana Casoy (2014), entre outros, entenderemos como a literatura mimetiza o *pathos* do perverso. Como o *corpus* trata-se do gênero conto, utilizamos obras de Nádia Battella Gotlib (1985), Júlio Cortázar (2006), além de textos complementares que permitem um estudo mais aprofundado sobre a teoria do conto. A partir disso, buscamos identificar o perfil psicopata no personagem em questão e tentar entender algo que justifique suas atitudes no decorrer da estória.

**PALAVRAS CHAVES:** Psicopatia, comportamento, conto literário, teoria do conto.

## **RESUMEN**

El presente trabajo, titulado Loco o cruel: el Psicópata en el cuento Paseo Nocturno, I y II, de Rubem Fonseca, tiene como objetivo analizar el comportamiento del personaje principal presente en el cuento arriba citado. El cuento, narrado en primera persona, presenta la rutina del protagonista, un ejecutivo de la clase alta. Después de la cena, después de otro día de trabajo, realiza paseos por la ciudad, matando a peatones, elegidos de forma aleatoria, como forma de obtener placer. Por el punto de vista de la psiquiatría y con base en textos de autores como Ana Beatriz Barbosa Silva (2008), Katia Mecler (2015), Ilana Casoy (2014), entre otros, entenderemos cómo la literatura mimetiza el pathos del perverso. Como el corpus se trata del género cuento, utilizamos obras de Nádía Battella Gotlib (1985), Júlio Cortázar (2006), además de textos complementarios que permiten un estudio más profundo sobre la teoría del cuento. A partir de eso, buscamos identificar el perfil psicópata en el personaje en cuestión e intentar entender algo que justifique sus actitudes en el curso de la historia.

**PALABRAS CLAVES:** Psicopatía, comportamiento, cuento literario, teoría del cuent



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO I.....	11
1. O PSICOPATA NA SOCIEDADE.....	11
CAPÍTULO II .....	17
2. A HISTÓRIA DO CONTO.....	17
2.1 MAS, AFINAL, O QUE É UM CONTO? .....	18
CAPÍTULO III.....	22
3. OS PERVERSOS DE FONSECA.....	22
3.1. ANÁLISE DO CONTO PASSEIO NOTURNO (PARTE I).....	23
3.2. ANÁLISE DO CONTO PASSEIO NOTURNO (PARTE II).....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	39

## INTRODUÇÃO

A *Psicopatia* é um dos assuntos mais abordados dos últimos anos, tratando-se de comportamento humano. Quando falamos em psicopata, vem logo à mente a imagem implantada pela mídia, seja em telejornais ou personagens fictícios de filmes e séries. Mas, na maioria das vezes, ou a figura do psicopata é apresentada de forma errônea, ou limitada a um estereótipo.

A ideia que temos do psicopata, quase sempre, está relacionada a traços de violência e crueldade. Porém, essa imagem vem sendo modificada. E, assim, hoje, já sabemos que o perfil do psicopata pode possuir outros traços que nada tem a ver com a violência física.

Transtorno antissocial, como é classificado por grande parte dos estudiosos e pela Organização Mundial de Saúde (OMS), pode estar presente em diversas pessoas do nosso dia a dia, sem que percebamos tais comportamentos.

Para entender como age o psicopata, apresentado na literatura, iremos analisar os contos de Rubem Fonseca, *Passeio Noturno I e II*, através do personagem principal. No início do primeiro conto, percebemos que o personagem central vive frustrado, apesar de não ficar claro o motivo, e busca ‘fugir’ da sua realidade durante as suas saídas, sempre após o jantar e sempre desacompanhado.

Problemas ‘comuns’ do dia a dia, além de estresse e frustração, transformam o homem tido como ‘normal’, em uma pessoa completamente transtornada e desprovida de empatia pelo outro. A mudança de humor e a sensação de ‘alma lavada’ após finalizar, mais uma vez, à noite como de costume, chocam o leitor que não acredita que um ser humano seja capaz de tal atrocidade. O conto leva ao questionamento: seria o personagem louco ou cruel?

Como cenário da nossa análise, temos o conto literário, que é um dos gêneros mais trabalhados nos últimos tempos. Por apresentar, em geral, uma narrativa curta e voltada, em grande parte, para problemas sociais e emocionais, o leitor consegue relacionar com a realidade atual, e, por vezes, consegue se identificar com os personagens.

Inicialmente, apresentaremos alguns dos conceitos de psicopatia elaborados por diversos estudiosos e como esse estudo evoluiu no decorrer dos anos. Explicaremos

características consideradas importantes para identificar o perfil psicopata. Como ele é visto pela sociedade e como de fato ele é.

Mostraremos, através dos estudos elaborados pelos autores analisados, que o psicopata pode fazer parte do nosso meio social, sendo considerado uma ‘pessoa normal’, diferente da ideia que a maioria das pessoas acreditam, que todo psicopata é violento.

Em seguida, iremos conhecer melhor a história do conto. Como ocorreu a mudança da fase oral para escrita. Como a categoria estética passou a ser importante na construção desse gênero.

Abordaremos a influencia de Allan Edgar Poe, contista e crítico literário, que, no século XIX, influenciou a produção do conto através de normas criadas que determinavam como devia ser escrito. Com isso, faremos uma breve apresentação dos contos do autor Rubem Fonseca, que trabalham a mesma temática do conto analisado.

A partir disso, analisaremos o conto *Passeio Noturno, I e II*, buscando identificar na obra, sinais de psicopatía presentes no personagem principal. E, mostrando como o assunto é abordado na literatura brasileira.

## CAPÍTULO I

### 1. O PSICOPATA NA SOCIEDADE

O conceito de Psicopatia ainda é bastante discutido entre os estudiosos. A princípio, a psicopatia foi tida como uma doença mental, mas esse conceito sofreu modificações ao longo dos anos, e, no início do século XX, começou a ser analisada com base em atitudes comportamentais.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), é considerada um transtorno de personalidade dissocial, em que o indivíduo apresenta modos considerados anormais em relação a sua convivência com outras pessoas. Esse transtorno é fundamentado em comportamentos antissociais, atitudes emocionais duvidosas, diante disso, o indivíduo tem sentimentos amplificados, mas, ao mesmo tempo, não consegue sentir culpa por suas ações que machucam o outro.

[...] a existência de um conjunto de sintomas clinicamente identificáveis ou comportamentos associados na maioria dos casos a sofrimento e a interferência nas funções pessoais[...]. (MECLER, 2015, p.53).

Phillippe Pinel (1809 apud Soeiro; Gonçalves, 2010), um dos primeiros a estudar as doenças mentais, define a psicopatia como sendo uma “mania sem delírio”, sendo assim o indivíduo consciente de todas as suas ações, mas sem apresentar sentimento de culpa.

Pincus (mencionado por Cavalcante, 2002) diz que o psicopata sabe quando está cometendo algo errado, mesmo assim sente como se não o estivesse fazendo.

A definição, segundo o dicionário Aurélio, é “desequilíbrio patológico no controle das emoções e dos impulsos, que corresponde frequentemente a um comportamento antissocial”.

Foi a partir da obra de Hervey Cleckley, intitulada *The Mask of Sanity (A Máscara da Sanidade)*, em 1941, que o conceito de psicopatia se estabeleceu. O trabalho apresentava 16 características possíveis de serem encontradas em um indivíduo tido como psicopata, porém não necessariamente precisava corresponder a todas as características listadas.

Por vezes, a psicopatia é confundida com a psicose ou surto psicótico. Porém, apesar de algumas semelhanças, são coisas distintas. A psicose remete ao indivíduo em estado de delírio, numa fuga da realidade. O psicótico acredita naquela ilusão e a prática de suas ações são ‘justificadas’ pela sua falta de consciência ou senso de realidade. Por outro lado, o psicopata tem noção de suas atitudes, e realiza friamente suas maldades sem apresentar empatia pelo outro. O psicopata entende e planeja cada movimento, tudo é feito minuciosamente sem levantar suspeitas ou sem se preocupar que ele seja descoberto. Ana Beatriz Barbosa Silva aborda, no livro *Mentes Perigosas- O Psicopata Mora ao Lado* (2008), algumas das características que podem ser encontradas em um indivíduo considerado psicopata. Vejamos:

O psicopata em geral são indivíduos frios, calculistas, inescrupulosos, dissimulados, mentirosos, sedutores e que visam apenas o próprio benefício. Eles são incapazes de estabelecer vínculos afetivos ou de se colocar no lugar do outro. São desprovidos de culpa ou remorso e, muitas vezes, revelam-se agressivos e violentos. (SILVA, 2008, p.37).

O psicopata, geralmente, é uma pessoa que não aparenta sofrer deste distúrbio. Tem o poder de manipular, possui, embora haja controvérsias, alto grau de inteligência e tem um perfil sedutor que atrai as pessoas sem que elas percebam. São expressões introdutórias:

Eles têm total consciência e controle do seu comportamento. Seus atos são ainda mais assustadores por não poderem ser considerados consequência de uma doença temporária, mas, sim, de uma permanente indiferença fria e calculista em relação aos outros. (DAYNES e FELLOWES, 2012, p.19).

No livro *Psicopatas do cotidiano* (2015), Mecler explica que o psicopata pode ser qualquer pessoa do nosso dia a dia e não possuir traços de violência. Pode ser um colega de classe, do trabalho, um motorista no trânsito. Enfim, que esse transtorno pode ser apresentado por alguém considerado “comum”. São chamados, assim como o título do livro, psicopatas do cotidiano ou comunitários, como exemplificados pelas autoras:

[...]ao contrário do senso comum dos últimos anos, popularizado na mídia e na cultura pop, o transtorno de personalidade não é uma condição necessariamente associada a crimes bárbaros e cruéis[...]. (MECLER, 2015, p.17-18).

Os psicopatas são indivíduos que podem ser encontrados em qualquer raça, cultura, sociedade, credo, sexualidade, ou nível financeiro. Estão infiltrados em todos os meios sociais e profissionais, camuflados de executivos bem-sucedidos, líderes religiosos, trabalhadores, “pais e mães de família”, políticos, etc. (SILVA, 2008, p.37).

Mecler (2015) explica que o psicopata não nasce assim. Ele desenvolve esse perfil através da ligação entre o temperamento e o caráter. Segundo a autora, o temperado é um traço biológico, enquanto o caráter é desenvolvido a partir das experiências vividas. Mecler (2015) apresenta como acontece essa relação. Notemos o seguinte:

O temperamento é herdado geneticamente e regulado biologicamente. Já o caráter está ligado à relação do temperamento com tudo o que vivenciamos e aprendemos na relação com o mundo exterior. Portanto, a personalidade é considerada uma organização dinâmica, resultante de fatores de ordem biopsicossocial. Nascemos com as sementes do bem e do mal, mas como elas vão germinar, crescer e dar frutos depende de uma série de fatores que irrigarão a nossa existência. (MECLER, 2015, p. 13).

Apesar da personalidade ser formada a partir do temperamento(biológico) e do caráter(biológico/ambiental), ainda não foi possível definir qual destes influencia mais o comportamento humano. Dessa forma, os estudos associados à formação do psicopata não é precisa quanto a sua origem.

É difícil o convívio com essas pessoas, pois mesmo as que não apresentam ‘perigo’, possuem atitudes que incomodam ou constrangem quem convive com elas. Por outro lado, são raras às vezes que nos damos conta de que estamos convivendo com um psicopata, pois ele busca camuflar suas reais intenções e podem se apresentar como pessoas amáveis e educadas. No livro *Sem Consciência*, publicado em 2013, Robert Hare, destaca certos pontos do perfil do psicopata:

Os psicopatas com frequência são espirituosos e articulados. Sua conversa pode ser divertida e envolvente, podem ter sempre uma resposta inteligente na ponta da língua e são capazes de contar histórias improváveis, mas convincentes, que os colocam em posição favorável. Ao se apresentar, costumam ser muito efetivos e, com frequência, mostram-se agradáveis e atraentes. Para alguns, porém, eles parecem pretensiosos e lisonjeiros demais, claramente falsos e superficiais. (HARE, 2013, p.50).

Os psicopatas são indiferentes à dor que causam ao outro. Para eles, suas vontades sempre prevalecem e devem ser realizadas imediatamente. Daynes e Fellowes (2012), reforçam essa ideia:

Os psicopatas são incapazes de qualquer sutileza ou emoção profunda; seus sentimentos geralmente não passam de reações primitivas passageiras às suas vontades e necessidades imediatas. (DAYNES e FELLOWES, 2012, p.22).

Existem graus de psicopatia e esses graus é que vão dizer, quando conseguem ser diagnosticados, o nível de perigo ou não que oferecem. Um dos métodos utilizados para medir esses graus é o PCL-R (Psychopathy Checklist Revised) criada por Robert Hare, psicólogo canadense, que apresenta, em seus critérios, a falta de culpa e os sentimentos superficiais, entre outros.

O grau mais leve de psicopatia pode ser encontrado em pessoas com atitudes frias e calculistas, que manipulam e mentem dissimuladamente. Nesse caso, dificilmente esse tipo é ligado ao crime, apenas tem comportamentos contrários ao habitual. Conseguimos identificar em pessoas comuns do nosso dia a dia. Uma briga no bar, uma discussão no trânsito, momentos, geralmente, isolados onde o indivíduo sofre um surto de psicopatia. A maioria dos psicopatas fazem parte desse grupo. São os chamados “psicopatas comunitários”.

O grau moderado tem, em sua base, maneiras semelhantes às de grau mais leve, porém são mais agressivos e manipuladores. Envolvem-se em grandes problemas, como drogas, bebidas, atos de vandalismo. Raramente são presos de imediato, pois, como não apresentam traços evidentes de psicopatia, elaboram o ‘crime perfeito’ sem levantar suspeitas. Geralmente, encontramos, nesse grupo, executivos bem sucedidos ou profissionais em ascensão.

O grau mais grave apresenta um indivíduo que sente prazer em agir de maneira agressiva, impiedosa contra a vítima. Os assassinos se encaixam nesse grupo, porém é importante ressaltar que nem todo assassino é um psicopata. Como exemplo de psicopata de grau grave, temos o serial killer. Este tipo escolhe suas vítimas baseado em um determinado perfil. Segue uma linha de características para seus crimes. As mulheres são seus principais alvos, por se apresentarem, na maioria das vezes, como ‘presas’ frágeis e vulneráveis.

O perfil psicológico do psicopata pode está relacionado com a infância. Normalmente, crianças que apresentavam comportamentos agressivos, mentiam com facilidade e sempre apontavam outra pessoa como culpado por suas travessuras. Casoy cita outras características do serial killer na infância:

[...] devaneios diurnos, masturbação compulsiva, isolamento social, mentiras crônicas, rebeldia, pesadelos constantes, roubos, baixa auto-estima, acessos de raiva exagerados, problemas relativos ao sono[...] (CASOY, 2014, p.19).

Apesar de apresentarem alguma dessas particularidades, se isoladas não podem classificar como tendência para serial killer. O serial killer precisa estar no controle da situação. A vítima não pode ter nenhuma chance de fuga. Para o criminoso, humilhar e torturar a vítima é fundamental para seu prazer ser completo. Casoy (2014) enfatiza:

Um dos meios de o serial killer estabelecer o controle é degradar e desvalorizar a vítima por longos períodos de tempo. Esse objetivo pode ser alcançado fazendo-a seguir um roteiro verbal, através do sexo doloroso e/ou forçado e pela tortura. (CASOY, 2014, p.20).

Apesar do perfil matador do serial killer, nem sempre ele é psicopata. Pode estar ligado a outros fatores que influenciam seus crimes. Para confirmar se ele é ou não um psicopata, além de identificar as características, é preciso que ele seja submetido a exames clínicos.

Os crimes cometidos pelo psicopata chocam a população, pois, na maioria das vezes, são crimes tão bárbaros que é difícil acreditar que exista alguém capaz de cometer tal atrocidade.

Segundo a autora Ana Beatriz Barbosa Silva, no livro *Mentes Perigosas- O Psicopata Mora ao Lado* (2008), o número de psicopatas que não matam é bem maior dos que cometem assassinatos. Mas esses sujeitos do ‘bem’, não são tão inofensivos quanto parecem. Os psicopatas inseridos nesse grupo dos ‘não-assassinos’ conseguem manipular facilmente suas vítimas, extorquindo dinheiro em seus golpes ou outra coisa que desejarem, como observa a autora:

Eles são capazes de provocar grande impacto no cotidiano das pessoas e são igualmente insensíveis. Estamos muito mais propensos e vulneráveis a perder nossas economias ao cair na lábia manipuladora de um golpista do que perder a vida pelas mãos do assassino. (SILVA, 2008, p. 41).

Todos conhecem ou conheceram algum psicopata na vida, e ele, provavelmente, se apresentará como uma pessoa ‘comum’ e, mais provavelmente ainda, iremos sentir afeto por ela.



É comum encontrar, embora não fácil de identificar, o psicopata em um relacionamento amoroso. O psicopata envolve o outro de uma maneira que a vítima passa a sentir necessidade dele. No início da relação, normalmente, o psicopata é um ser maravilhoso e cheio de perfeições. Ele consegue ‘enganar’ facilmente a vítima, que passa a se sentir culpada por qualquer coisa que ‘não anda bem’ na relação.

Quando acontece de a vítima perceber que o erro é causado pelo outro, e diante disso querer acabar o relacionamento, quase sempre o psicopata consegue contornar a situação e envolver novamente com sua ‘lábria perfeita’. E, assim, na maioria dos casos, a relação só chega ao fim, quando o psicopata perde o interesse pelo seu alvo, ou, na fúria do seu desejo de possuir, liquida, enfim, a vítima.

## CAPÍTULO II

### 2. A história do conto

Contar uma estória é algo que sempre esteve presente na história da humanidade. Através das estórias, eram relatados acontecimentos, criadas fantasias, ensinamentos eram transmitidos entre gerações.

Cada vez que a mesma estória era contada, ela sofria modificações, apesar de, na maioria das vezes, o seu núcleo ser preservado. Essas alterações ocorriam pela “falta de memória” do contador ou quando era recontada por outra pessoa, além do que, sempre, era adaptada para o público que estivesse ouvindo naquele momento.

A origem da palavra conto vem do latim *computare* e significa contar. O conto não necessita partir de uma história real, pode ser algo criado ou um fato “modificado” para atrair o público ouvinte. “O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não tem limites precisos”, (GOTLIB, 1985, p.12), explica Nádia Battella Gotlib.

A arte de contar estórias, provavelmente, sempre existiu, porém não há registros que comprovem o seu início. Sabe-se apenas que é algo que existe há bastante tempo.

Conforme, Gotlib (1985):

Enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam. O da estória de Caim e Abel, da *Bíblia*, por exemplo. Ou os textos literários do mundo clássico greco-latino: as várias estórias que existem na *Ilíada* e na *Odisséia*, de Homero. (GOTLIB, 1985, p.6).

Inicialmente, o ato de contar uma estória era feito apenas na forma oral, o que facilitava o entendimento de quem ouvia, visto que o contador podia interferir na sua fala, acrescentando algo que não havia sido falado ou explicando algo que não houvesse sido entendido. Além disso, a entonação da voz e a gesticulação do contador permitiam que os ouvintes ficassem mais atentos ao que era dito.

Gotlib(1985) afirma:

Estes recursos criativos também podem ser utilizados na passagem do conto oral para o escrito, ou seja, no registro dos contos orais:

qualquer mudança que ocorra, por pequena que seja, interfere no conjunto da narrativa. (GOTLIB, 1985, p. 13).

Essa passagem do conto oral para o escrito, não tem um registro de data exata. Porém, de acordo com alguns fatos, é possível identificar a evolução dos contos. Além dessa mudança, o contador de histórias também evoluiu, passando a ser chamado de narrador, e, a partir daí, surgiram responsabilidades quanto à estrutura e à estética do conto.

*Panchatantra* (VI a.C), *Mil e Uma Noites* (XVI) e a *Bíblia* são algumas, talvez as mais importantes, obras que são consideradas por muitos como marco do conto escrito.

A partir do século XIV, surge uma nova preocupação com a escrita do conto. Ele passa de um ‘simples’ texto, para uma produção que requer mais cuidados na sua elaboração. O conto vai aperfeiçoando sua categoria estética.

Edgar Allan Poe foi um dos contistas responsáveis que delimitou, no século XIX, algumas regras a serem seguidas na elaboração do conto. Para Poe, o conto deve ser uma narrativa curta, possuir coerência, e ser capaz de transmitir ao leitor todo o seu objetivo. O conto, segundo Poe, precisa ser organizado de maneira que cada detalhe seja importante, e o clímax seja mantido até o desfecho.

Segundo Poe, elaborar o conto depende também do “domínio do autor sobre os seus materiais narrativos” e não apenas das ‘normas’ criadas para produção do gênero.

## **2.1 Mas, afinal, o que é um conto?**

Muito se ouve falar sobre o conto. Como surgiu, sua forma, oral e escrita, a evolução da sua estética, entre outras coisas. Mas, o que, de fato, é um conto?

Segundo o escritor, Mário de Andrade (apud Gotlib, 1985), o conto é conto a partir do momento que o autor decide assim chamá-lo. Já Raimundo Magalhães Júnior, em *A Arte do Conto* (1972), busca explicar o conceito de conto, que, segundo ele, deve seguir algumas características do gênero. De acordo com o autor:

O conto é uma narrativa linear, que não se aprofunda no estudo da psicologia dos personagens nem nas modificações de suas ações. Ao contrário, procura explicar aquela psicologia e essas motivações pela conduta dos próprios personagens. (MAGALHÃES JUNIOR, 1972, p. 10).

Segundo o autor, devido sua brevidade, o conto não deve explorar esses aspectos psicológicos ou emocionais dos personagens, pois, explicar tais pontos ao leitor fugiria da proposta do que é conto. E, entre outras coisas, é o que difere o conto da novela ou romance, pois, estes exploram, profundamente, o perfil dos personagens.

Júlio Cortázar, contista e ensaísta argentino, destaca, em seu estudo *Alguns aspectos do conto* (2006), a dificuldade de se explicar o que é o conto. Para Julio Cortázar existem “elementos invariáveis” aos quais imprimem ao conto a qualidade de obra de arte e caracterizam o gênero. “Tenho a certeza de que existem certas constantes, certos valores que se aplicam a todos os contos fantásticos ou realistas, dramáticos ou humorísticos”, (CORTÁZAR, 2006, p. 149), explica o autor.

Para Cortázar, não existem leis que definam como o conto deve ser escrito, mas “pontos de vista” de escritores que acabam adaptando essas “normas” a sua realidade. Cortázar ainda frisa a importância dos críticos e teóricos do gênero não serem os próprios contistas, pois assim, formulariam regras sem terem interesses pessoais. E, que só depois dessas regras serem estabelecidas pelos críticos, o contista começasse seu trabalho de criação. Vejamos:

É preciso chegarmos a uma ideia viva do que é conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem para o abstrato, para a desvitalização do seu conteúdo, enquanto que, por sua vez, a vida rejeita esse laço que a conceptualização lhe quer atirar para fixa-la e encerrá-la numa categoria. Mas se não tivermos uma ideia viva do que é conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto[...] (CORTÁZAR, 2006, p.150).

Desse modo, o autor busca estabelecer a costumeira comparação com o romance, afirmando que o conto, inicialmente, parte da “noção de limite” enquanto o romance só se limita ao “esgotamento da matéria romanceada”. Mais adiante compara analogicamente os gêneros literários conto e romance ao cinema e à fotografia, mensurando que tal qual o romance, um filme seria uma “ordem aberta” e a fotografia como também o conto, teriam uma limitação prévia. O autor destaca que a descrição de um fotógrafo profissional ao falar de sua arte pode, em muitos casos, ser utilizada para descrever a natureza do conto. Notemos abaixo:

O de recortar um fragmento da realidade fixando-lhe determinado limites, mas de tal modo que esse recorte atue como uma explosão que abra de par em par uma realidade muito mais ampla, como uma visão dinâmica que transcende espiritualmente o campo abrangido pela câmara. (CORTÁZAR, 2006, p. 151).

Portanto, o conto, como a fotografia, mesmo tendo delimitados seus limites deve ser de tal modo intenso, ao ponto de oferecer ao apreciador a experiência de extrapolar os limites. No caso do conto, deve-se oferecer ao leitor a expansão dos limites impostos pela estrutura do gênero de modo a marcar a mente e a memória.

É necessário que o conto não se limite ao argumento abordado. Desse modo, a tarefa do contista é propor, através do espaço limitado do conto, o que Cortázar chamou de “abertura”, que seria um trespassar de limites, uma busca por profundidade, intensidade e tensão. “O tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal para provocar essa ‘abertura’”. E, ao abordar uma imagem ou tema significativo, elevar o leitor a uma espécie de arrebatamento.

“Um bom conto é incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases”. Um bom conto, segundo Cortázar (2006) possui o desafio de capturar através do conto, autêntica profundidade sobre aquilo a que se propôs expressar. Um bom conto deve perdurar na memória.

E como é possível alcançar, para Cortázar, a excelência ao construir um conto? O autor propõe caminhos aos quais o contista poderia seguir para obter êxito em seu intento, o primeiro deles seria o da escolha de um tema significativo e, mesmo sendo trivial ou cotidiano, evoque “uma imensa quantidade de noções, entrevisões,

sentimentos e até ideias que lhe fluíam virtualmente na memória ou na sensibilidade”. O tema deve seduzir tanto autor quanto o leitor. E não para por aí, Cortázar afirma que feita à escolha do tema, o que vai determinar se o mesmo é fecundo ou não, é o trato que o autor dará “verbal e estilisticamente”. Vejamos:

Os contistas inexperientes costumam cair na ilusão de imaginar que lhes bastará escrever chã e fluentemente sobre um tema que os comoveu, para comover por eu turno os leitores. [...] Com o tempo, com os fracassos, o contista capaz de superar essa primeira etapa ingênua, aprende que em literatura não valem as boas intenções. (CORTÁZAR, 2006, p. 157).

Ou seja, não basta ter um bom tema significativo e fecundo, “é necessário um ofício de escritor”, como Cortázar explica a seguir:

[...] esse ofício consiste entre muitas outras coisas em conseguir esse clima próprio de todo grande conto, que obriga a continuar lendo, que prende a atenção, que isola o leitor de tudo o que o rodeia, para depois, terminado o conto, voltar a pô-lo em contacto com o ambiente de uma maneira nova, enriquecida, mais profunda e mais bela”. (CORTÁZAR, 2006, p. 157).

Por fim, percebemos a importância do conto, enquanto gênero literário. Ele precisa ser intenso, mesmo os contos curtos, e precisa despertar ‘paixão’ e ‘emoção’ no leitor e autor.

## CAPÍTULO III

### 3. Os perversos de Fonseca

A violência cotidiana é uma das temáticas que vem ganhando bastante destaque na literatura brasileira. É comum encontrarmos, principalmente na literatura contemporânea, obras que falam de assassinatos, roubos, estupros, violência contra mulher, crimes entre classes sociais, etc.

Rubem Fonseca, escritor brasileiro, é considerado o autor que mais influenciou a literatura da violência no Brasil, no século XX, e continua influenciando os autores da atualidade que trabalham essa temática. Sua escrita é considerada *brutalista*, assim como classificou Alfred Bosi, em 1975.

Fonseca traz, em suas obras, uma linguagem intensa, e, por muitas vezes, grosseira e vulgar. A maioria dos personagens principais de seus contos são indivíduos frios e perversos, desprovidos de sentimentos pelo próximo, e que cometem crimes sem que se arrependam ou sejam punidos por eles.

Existem, nesses indivíduos descritos por Fonseca, a falta de envolvimento emocional, e a ausência do nome, em boa parte dos personagens. Talvez esse traço impessoal, permita ao leitor um conto mais ‘recheado’ de suspense, aumentando o seu interesse pela trama.

Outro traço comum na narrativa de Rubem Fonseca é o final ‘inacabado’, deixando para o leitor a missão de imaginar o possível desfecho da história.

Com personagens cruéis, Fonseca provoca no leitor desconforto e medo. A linguagem por ele utilizada também perturba, pois contém, na maioria das vezes, palavras de baixo calão, além da pornografia presente em diversos contos.

O livro *Feliz Ano Novo* (1975), no qual o conto analisado nesse trabalho está inserido, foi censurado em 1976 pela Ditadura Militar. Apresentava uma linguagem vulgar, assassinatos, estupros, violência, das formas mais cruéis que se possa imaginar, e isso causou uma ‘preocupação’, por parte dos militares, quanto ao efeito que isso poderia causar na sociedade. Apenas em 1989 o livro pode ser reeditado, após o autor ganhar a causa na justiça.

Dentre os contos presentes no livro, podemos destacar o conto *Feliz Ano Novo*. Durante uma noite de réveillon, três assaltantes, que vivem na miséria, resolvem invadir uma festa na casa de pessoas ricas. Lá, eles estupram e matam a sangue frio. Após o roubo, voltam para casa e comemoram a virada do ano.

No conto *O Outro*, um executivo acometido pelo estresse do trabalho, é orientado pelo médico que faça caminhadas diárias para evitar danos ao coração. Durante as caminhadas, ele passa a sentir-se ‘perseguido’ por um menino de rua que lhe pede dinheiro. Por fim, atormentado pela presença do pedinte, acaba por matá-lo e só assim se dar conta de que não passava de um pobre menino.

Destacamos esses dois contos, para mostrar que o uso de personagens alucinados, perversos, miseráveis, etc. é algo fácil de encontrar nos contos de Fonseca. E, dessa forma, na maioria das vezes, o autor utiliza o personagem para mostrar o mal que assombra a humanidade.

Com isso, concluímos que a escrita de Rubem Fonseca é brusca, temerosa, mas também, bastante realista.

### **3.1. Análise do conto passeio noturno (parte I)**

O conto *Passeio Noturno*, dividido em partes I e II, apresenta como protagonista um ‘típico’ pai de família, executivo de classe alta e sua rotina após mais um dia de trabalho. O personagem realiza, todas as noites, passeios após o jantar para ‘desopilar’. Durante a saída noturna, ele mata, sem piedade, algum desconhecido que encontrar na rua, e volta para casa orgulhoso de seu ato.

No conto em questão, Fonseca foge do estereótipo de assassino utilizado por diversos autores da literatura brasileira. Não se trata de um indivíduo da periferia ou alguém jurando vingança, ou ainda, matando para roubar. Ao contrário disso. É um sujeito de classe alta, executivo com jaguar na garagem. Não existe passado por trás dos seus crimes, suas vítimas apenas estavam na hora e no local errados. Essa falta de ‘motivo’ do protagonista para cometer os assassinatos, apresenta ao leitor um personagem frio, sem escrúpulos.



Identificamos, no personagem, traços relacionados à psicopatia, como a ausência de culpa ou a falta de empatia, o que pode ser comprovado em várias passagens do conto e associados às características apresentadas pelos autores sobre o tema.

Um dos primeiros pontos que nos chama atenção no conto é a ausência do nome do personagem principal, comum nas obras de Fonseca, que acaba causando um efeito maior de suspense à estória. A falta do nome também pode estar relacionada à estrutura do conto, que busca evitar a descrição psicológica ou emocional dos personagens, focando apenas no final da narrativa.

No início do conto, percebemos que o protagonista tem um emprego exaustivo, que o ‘obriga’ a levar trabalho extra para casa. Com isso, o estresse que o personagem vive durante o dia na companhia se estende até a noite. “Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos”, (FONSECA, 2010, p. 54), conta o narrador.

O fato de ‘levar trabalho para casa’, assim como o padrão de vida que o personagem leva, o que é mostrado em vários trechos do conto nos faz imaginar que o protagonista exerce um cargo alto ou de confiança na empresa em que trabalha.

O ambiente familiar no qual o personagem está inserido revela que, enquanto o protagonista está trabalhando, a família está envolvida, de acordo com o narrador, em atividades ‘fúteis’, o que podemos comprovar no trecho abaixo:

Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa de cabeceira, disse, sem tirar os olhos das cartas, você está com um ar cansado. Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empustação de voz, a música quadrifônica do quarto do meu filho. Você não vai largar essa mala?, perguntou minha mulher, tira essa roupa, bebe um uisquinho, você precisa relaxar. (FONSECA, 2010, p.54).

Percebemos que essas pequenas ações dos membros da família já são suficientes para elevar a tensão já existente no protagonista. Vemos que o personagem busca fugir do convívio familiar, outra característica que podemos atribuir ao perfil do psicopata, pois o indivíduo com esse diagnóstico tende a procurar o isolamento social e, geralmente, são indiferentes, mesmo com pessoas próximas. Percebemos a seguir como

o protagonista se comporta em casa: “Fui para a biblioteca, o lugar da casa onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz nada. Abri o volume de pesquisas sobre a mesa, não via as letras e números, eu esperava apenas”, (FONSECA, 2010, p.54).

Como o conto é narrado em primeira pessoa, notamos que o protagonista, ao contar a história, pelo seu ponto de vista, aponta vários fatores que ‘justificam’ sua ação futura, como a fala da esposa, que sempre repete o estresse do protagonista. Observemos abaixo:

Você não para de trabalhar, aposto que os teus sócios não trabalham nem a metade e ganham a mesma coisa, entrou a minha mulher na sala com o copo na mão, já posso mandar servir o jantar? (FONSECA, 2010, p.54-55).

Assim como o personagem principal, cada membro da casa vive isoladamente, sendo perceptível a falta de envolvimento emocional entre eles, o que pode motivar o lado psicopata do narrador. Silva (2008) destaca como o sujeito considerado psicopata age no seio familiar. Vejamos:

Quando a questão é família, o comportamento deles também segue o mesmo padrão de indiferença e irresponsabilidade. Quando constituem famílias (cônjuges e filhos) os psicopatas não o fazem por sentimentos amorosos, mas sim como um instrumento necessário para construir uma boa imagem perante a sociedade. (SILVA, 2008, p. 86-87).

Diante disso, analisamos que o distanciamento entre os membros da família é sempre destacado no conto. O trecho abaixo mostra que, apesar do protagonista está no mesmo espaço físico ocupado pela a mulher e pelos filhos, ele os trata como ‘estranhos’, confirmando, mais uma vez para o leitor, a ausência de afetividade entre eles. A cena ‘comum’ da família reunida em volta da mesa para o jantar mostra como o personagem principal insiste em manter as aparências, afastando, assim, qualquer suspeita sobre o seu verdadeiro caráter. Notemos a seguir:

A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos. É aquele vinho que você gosta, ela estalou a língua com prazer. Meu filho me pediu dinheiro quando estávamos

no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na hora do licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos conta bancária corrente. (FONSECA, 2010, p. 55).

O narrador, mais uma vez, parece narrar a cena de forma dispersa, frisando apenas o padrão financeiro de vida deles. O modo requintado com o qual a copeira serve o jantar e o interesse dos filhos em pedir-lhe dinheiro, mostrando isso como único diálogo entre eles, faz parecer que o protagonista considera a família um ‘peso’ em sua vida, na qual ele investe bastante dinheiro, para manter o perfil que busca apresentar para a sociedade.

Após o jantar, o personagem se prepara para, finalmente, ‘tirar a máscara’. Ele prepara todo o terreno para o seu momento de crueldade. Assim, convida a mulher para passear de carro, já sabendo que ela não vai aceitar. Percebemos que o protagonista mantém sempre uma rotina, já que a novela sempre está passando na hora em que ele resolve sair, motivo pelo qual a esposa sempre recusa o convite, como podemos observar a seguir:

Vamos dar uma volta de carro?, convidei. Eu sabia que ela não ia, era hora da novela. Não sei que graça você acha em passear de carro todas as noites, também aquele carro custou uma fortuna, tem que ser usado, eu é que cada vez me apego menos aos bens materiais, minha mulher respondeu. (FONSECA, 2010, p. 55).

Analizamos que o protagonista arquiteta o seu ‘momento de lazer’, sem levantar suspeita. Ao contrário, é incentivado pela mulher a dar sempre a sua voltinha de carro para ficar mais calmo. A fala da mulher confirma que o ato de sair à noite é algo que acontece todos os dias, fazendo o leitor imaginar que, em todos os passeios, o personagem faz uma nova vítima.

Cada momento que antecede o ponto alto da sua noite aumentava a frustração do personagem, como é possível perceber no próximo trecho:

Os carros dos meninos bloqueavam a porta da garagem, impedindo que eu tirasse o meu. Tirei os carros dos dois, botei na rua, tirei o meu, botei na rua, coloquei os dois carros novamente na garagem, fechei a porta, essas manobras todas me deixaram levemente irritado, mas ao ver os para-choques salientes do meu carro, o reforço especial duplo

de aço cromado, senti o coração bater apressado de euforia. (FONSECA, 2010, p.55).

Quando, finalmente, consegue sair de casa, o protagonista começa a planejar o ‘crime perfeito’. Dirigia sem rumo pela cidade, procurando o local ideal para cometer o seu delito, sem que corresse o risco de ser descoberto. Ele agia com muita cautela, apesar da euforia.

Na avenida Brasil, ali não podia ser, muito movimento. Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar ideal. Homem ou mulher? Realmente não fazia grande diferença, mas não aparecia ninguém em condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, o alívio era maior. (FONSECA, 2010, p. 55).

Apesar de dizer não se importar com o sexo da vítima, fica claro que o narrador preferia que fosse um homem, como se, assim, pudesse ‘medir forças’ com alguém do mesmo sexo que ele. Independente da preferência pelo seu alvo é nítido o desprezo do personagem com sua ‘presa’. Vejamos, no conto, a parte que confirma esse descaso com a vítima:

Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil. Ela caminhava apressadamente, carregando um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, estava de saia e blusa, andava depressa, havia árvores na calçada, de vinte em vinte metros, um interessante problema de exigir uma grande dose de perícia. (FONSECA, 2010, p. 55-56).

Percebemos que o assassino no conto, banaliza a vítima, principalmente por ser mulher. Quando ele diz “estava de saia e blusa” fortalece a ideia de fragilidade da vítima, assim como a descrição do tipo de embrulho por ela carregado, classificado pelo narrador como ‘papel ordinário’, também permite ao leitor associar que ela faça parte de uma classe social menos favorecida. Sobre esse fragmento, Ilana Casoy (2014) fala de uma das características comuns encontradas no serial killer, psicopata de grau grave. Abaixo, a autora explica esse comportamento:

O serial killer “esfria” entre um crime e outro, não conhece sua vítima, tem motivo psicológico para matar e necessidade de controle e dominação. Geralmente suas vítimas são vulneráveis e o comportamento delas não influencia a ação do assassino. (CASOY, 2014, p. 23).

Mesmo a vítima do conto tendo sido escolhida ao acaso, enxergamos essa necessidade do protagonista em dominá-la, mostrando que era ele que controlava a situação. Não é uma briga justa, pois, para cometer o ato monstruoso, o personagem precisa do carro, o qual se torna uma arma indispensável para esses momentos, fazendo com que o assassino se sinta superior às suas vítimas.

Com esse ar de superioridade e uma mente doentia, porém consciente de todos os seus atos, o assassino elimina a mulher, matando-a de uma maneira cruel. O trecho seguinte, narra-se, com bastante frieza, o fim trágico que a pobre mulher tivera:

Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. (FONSECA, 2010, p. 56).

Nessa altura do conto, o leitor já percebe que o assassino não é louco, mas, sim, imensamente cruel. Além de cometer o crime, podemos notar que o personagem sente prazer em detalhar como tudo aconteceu.

Diante disso, a imagem de um pai de família, gordo e estressado com o trabalho, é substituída por um indivíduo psicopata, que sente prazer em ferir o outro e não possui nenhum tipo de compaixão pelo próximo. De acordo com Silva (2008), o psicopata está interessado apenas na própria realização, sem se preocupar com o outro, como é possível identificar a seguir:

Para os psicopatas, as outras pessoas são meros objetos ou coisas, que devem ser usados sempre para o bel-prazer. Os psicopatas zombam dos mais sensíveis e generosos. Para eles, essas pessoas não passam de uma gente fraca e vulnerável e, por isso mesmo, são seus alvos preferidos. (SILVA, 2008, p.73-74).

Mesmo tratando as pessoas como objetos, tanto as vítimas como a própria família, a qual serve para ‘camuflar’ o seu lado perverso e cruel, conseguimos identificar uma relação quase afetuosa entre o protagonista e seu carro. Em vários trechos do conto, ele vai enaltecendo a imagem do carro. Vejamos:

Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em nove segundos. Ainda deu pra ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de sangue, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio. (FONSECA, 2010, p.56).

O desprezo do narrador é tão visível, que ele, para mostrar a força do carro, ainda usa um tom de zombaria com a mulher que acabara de matar.

Examinei o carro na garagem. Corri orgulhosamente a mão de leve pelos para-lamas, os para-choques sem marca. Poucas pessoas, no mundo inteiro, igualavam a minha habilidade no uso daquelas máquinas. (FONSECA, 2010, p.56).

A crueldade com a qual se glorifica, ao ter atingido o seu objetivo, enoja o leitor. Apesar do estado de êxtase do narrador, essa sensação de vitória é algo passageiro, colocando-o novamente entediado, coisa comum em sujeitos psicopatas. Para o psicopata, é necessário buscar estímulos constantes que possam preencher esse tédio.

Outra coisa interessante, no conto, é ver como o protagonista comete tantas barbaridades e não sente medo em ser descoberto, mesmo evitando executar a vítima em algum lugar movimentado. Parece que o narrador tenta mostrar aos leitores o descaso da própria sociedade com essas vítimas, já que ele mesmo não se sente ameaçado de ser pego. Essa falta do medo pode ser justificada pela ausência de remorso que o psicopata tem. Silva (2008) nos mostra como o psicopata age em relação à culpa:

Os psicopatas mostram uma total e impressionante ausência de culpa sobre os efeitos devastadores que suas atitudes provocam nas outras pessoas. Os mais graves chegam a ser sinceros sobre esse assunto: dizem que não possuem sentimento de culpa, que não lamentam pelo sofrimento que eles causaram em outras pessoas e que não conseguem ver nenhuma razão para se preocuparem com isso. (SILVA, 2008, p.72).

Reparemos que, ao voltar para casa, a empolgação que sentiu ao matar a mulher, já tem desaparecido:

A família estava vendo televisão. Deu a sua voltinha, agora está mais calmo?, perguntou minha mulher, deitada no sofá, olhando fixamente

o vídeo. Vou dormir, boa noite para todos, respondi, amanhã vou ter um dia terrível na companhia. (FONSECA, 2010, p.56).

O narrador encerra a primeira parte do conto como se quisesse avisar ao leitor que iria cometer um novo crime, já que teria “um dia terrível na companhia”. Ele usa o estresse do trabalho, como se isso fosse suficiente para convencer o leitor de que ele precisa cometer uma monstruosidade, como vimos no conto, para que assim possa ficar bem. E, dessa maneira, a vida do protagonista segue: sendo entediada durante o dia, no trabalho e em casa, e satisfatória no seu passeio noturno. Diante disso, concluímos que o personagem possui uma dupla identidade que é um dos traços que marcam o perfil do psicopata.

### **3.2. Análise do conto passeio noturno (parte II)**

Na segunda parte do conto, o narrador continua a relatar os acontecimentos da sua rotina ‘diferente’. O cenário mudou. Enquanto, na primeira parte, tínhamos a casa do protagonista como o cenário principal, onde podemos conhecer a sua rotina e os fatores externos que ‘provocavam’ o seu comportamento. Nessa segunda parte, o restaurante será o palco principal para a maior parte da trama, terminando sempre no mesmo lugar, uma rua pouco movimentada.

O protagonista, a caminho de casa, é parado por um carro que buzina “insistentemente”. O narrador abre o vidro e se depara com uma mulher, como podemos observar no trecho:

Eu ia para casa quando um carro encostou no meu, buzinando insistentemente. Uma mulher dirigia, abaixei os vidros do carro para entender o que ela dizia. Uma lufada de ar quente entrou com o som da voz dela: Não está mais conhecendo os outros? (FONSECA, 2010, p. 57).

Inicialmente, notamos que esse encontro inoportuno, faz com que o narrador saia da sua rotina, a qual já conhecemos muito bem, anteriormente. E, já percebemos certo incômodo no protagonista, diante da atitude da mulher. Vejamos:

Eu nunca tinha visto aquela mulher. Sorri polidamente. Outros carros buzinaaram atrás dos nossos. A avenida Atlântica, às sete horas da noite, é muito movimentada. (FONSECA, 2010, p.57).

Podemos imaginar, de acordo com o perfil do narrador, que, apesar de sorrir cordialmente para a mulher, essa situação está aumentando a sua frustração. Observamos que essa cena apresenta diversos fatores que podem elevar o nível de estresse do personagem principal, dado o seu histórico.

O fato de falar o horário do ‘encontro’, faz-nos calcular, mais ou menos, que o horário dos seus passeios noturnos é entre 21 e 22h, visto que ele, supostamente, ainda estava voltando do trabalho. Ao mencionar que a avenida está “muito movimentada”, o narrador parece sugerir ao leitor que quer matar a mulher que entrou em seu caminho, mas, naquele momento, não pode por haver muita gente na rua.

Como foi a mulher que o abordou, percebemos que o narrador fica intrigado por ocupar, mesmo que temporariamente, a posição de ‘caça’ e não de ‘caçador’ como o habitual. A mulher age de uma maneira agressiva, “ferindo” a masculinidade do protagonista, já que, normalmente, esse comportamento é mais comum no homem. Vejamos:

A mulher, movendo-se no banco do seu carro, colocou o braço direito para fora e disse, olha um presentinho para você. Estiquei meu braço e ela colocou um papel na minha mão. Depois arrancou com o carro, dando uma gargalhada. Guardei o papel no bolso. Chegando em casa, fui ver o que estava escrito. Ângela, 2287-3594. (FONSECA, 2010, p.57).

Diferente dos personagens apresentados na parte I do conto, essa personagem possui nome, além de outras características que completam o seu perfil, como a idade e sua ocupação profissional, como veremos mais a frente.

Mais uma vez, confirmamos que a saída após o jantar, é algo que acontece, fielmente, todas as noites. “À noite, saí, como sempre faço”, (FONSECA, 2010, p.58), afirmou o narrador.

A atitude de Ângela faz iniciar um ‘jogo de sedução’, porém o leitor já sabe o real interesse do protagonista em tentar descobrir algo sobre a mulher desconhecida. Como foi a mulher que se aproximou do assassino, gera nele a curiosidade de saber se ela já o conhecia. Vejamos o fragmento abaixo:



No dia seguinte telefonei. Uma mulher atendeu. Perguntei se Ângela estava. Não estava. Havia ido à aula. Pela voz, via-se que devia ser a empregada. Perguntei se Ângela era estudante. Ela é artista, respondeu a mulher. (FONSECA, 2010, p. 58).

O narrador volta a ligar para Ângela, pois precisa descobrir o motivo do seu interesse repentino por ele. Ele precisa ter o controle da situação e, por isso, ‘intima’ Ângela para um novo encontro. Observemos a seguir o diálogo entre Ângela e o narrador:

Liguei mais tarde.  
 Ângela atendeu. Sou aquele cara do jaguar preto, eu disse.  
 Você sabe que eu não consegui identificar o seu carro?  
 Apanho você às nove horas para jantarmos, eu disse.  
 Espera aí, calma. O que foi que você pensou de mim?  
 Nada.  
 Eu laço você na rua e você não pensou nada?  
 Não. Qual o seu endereço? (FONSECA, 2010, p.58).

Silva (2008) explica a necessidade do psicopata em ser o centro das atenções. Vejamos:

Os psicopatas possuem uma visão narcisista e supervalorizada de seus valores e importância. Eles se vêem como o centro do universo e tudo deve girar em torno deles. Eles pensam e se descrevem como pessoas superiores aos outros, e essa superioridade é tão grande que lhes dão o direito de viverem de acordo com suas próprias regras. (SILVA, 2008, p.69-70).

Ao encontrar com Ângela, o protagonista age de maneira cordial. Porém, o autor reafirma a banalidade com a qual o narrador trata suas vítimas, sentindo-se superior a elas. Notemos:

Ela morava na Lagoa, curva do Cantalago. Um bom lugar. Estava na porta me esperando. Perguntei onde queria jantar. Ângela respondeu que em qualquer lugar, desde que fosse fino. Ela estava muito diferente. Usava uma maquiagem pesada, que tornava seu rosto mais experiente, menos humano. (FONSECA, 2010, p.58).

A definição de “menos humano” faz parecer que o protagonista busca uma justificativa para convencer o leitor do crime que irá cometer. Outro ponto que podemos perceber nesse trecho, é o motivo do interesse de Ângela pelo narrador, quando ela diz

que quer jantar em um local que fosse “fino”, imaginamos que o seu interesse seja apenas financeiro.

Como já mencionado, o perfil de Ângela é montado através de vários fragmentos apontados no conto, como é possível identificar abaixo:

Quando telefonei da primeira vez disseram que você tinha ido à aula.  
Aula de quê?, eu disse.  
Impostação de voz.  
Tenho uma filha que também estuda impostação de você. Você é atriz, não é?  
Sou. De cinema.  
Eu gosto muito de cinema. Quais foram os filmes que você fez?  
Só fiz um, que está agora em fase de montagem. O nome é meio bobo, *As virgens desvairadas*, não é um filme muito bom, mas estou começando, posso esperar, tenho só vinte anos.  
Na semi escuridão do carro ela parecia ter vinte e cinco. (FONSECA, 2010, p. 58).

O narrador vai preparando toda a cena que antecede o crime que planeja executar. Apesar de ir a um local público com a vítima, ele busca proteger a ‘identidade’ do seu jaguar, de maneira que, caso a crueldade que irá cometer mais adiante seja descoberta, ele não possa ser associado ao carro. Observemos:

Parei o carro na Bartolomeu Mitre e fomos andando a pé na direção do restaurante Mário, na rua Ataulfo de Paiva. Fica muito cheio em frente ao restaurante, eu disse. O porteiro guarda o carro, você não sabia?, ela disse. Sei até demais. Uma vez ele amassou o meu. (FONSECA, 2010, p. 59).

O protagonista faz o leitor se questionar sobre o porquê dele não matar logo Ângela, como fazia com as outras vítimas. Como foi ela que iniciou o contato entre eles, o narrador tenta descobrir, antes do crime, se ela sabe algo a respeito dele. Para isso, certifica-se que nenhum conhecido o veja com a mulher, mais uma vez, buscando evitar sua relação com o crime futuro.

Quando entramos, Ângela lançou um olhar desdenhoso sobre as pessoas que estavam no restaurante. Eu nunca havia ido àquele lugar. Procurei ver algum conhecido. Era cedo e havia poucas pessoas. Numa mesa um homem de meia-idade com um rapaz e uma moça. Apenas três outras mesas estavam ocupadas, com casais entretidos em suas conversas. Ninguém me conhecia. (FONSECA, 2010, p. 59).

A conversa entre eles acontece “naturalmente”. A lábia do narrador é tão boa, que nos faz, por um instante, esquecer que o protagonista apenas está preparando para dar o ‘bote’. O psicopata consegue mostrar facilmente esse lado ‘amigável’, como apresenta a autora:

Os psicopatas costumam ser espirituosos e muito bem articulados, tornando uma conversa divertida e agradável. Geralmente contam histórias inusitadas, mas convincentes em diversos aspectos, nas quais eles são sempre os mocinhos. Não economizam charme nem recursos que os tornem mais atraentes no exercício de suas mentiras. Para algumas pessoas, eles se mostram suaves e sutis, tal como os galãs da TV e cinema. (SILVA, 2008, p. 68).

Vejamos um trecho no conto que comprove a fala de Silva (2008):

Ângela pediu um martíni.  
 Você não bebe?, Ângela perguntou.  
 Às vezes.  
 Agora diga, falando sério, você não pensou nada mesmo, quando eu te passei o bilhete?  
 Não. Mas se você quer, eu penso agora, eu disse.  
 Pensa, Ângela disse.

O narrador ‘entra’ no jogo de sedução daquela mulher. Para ele, é necessário fazer a vítima acreditar em tudo o que ele fala, para assim, conseguir dominá-la.

Existem duas hipóteses. A primeira é que você me viu no carro e se interessou pelo meu perfil. Você é uma mulher agressiva, impulsiva e decidiu me conhecer. Uma coisa instintiva. Apanhou um pedaço de papel arrancado de um caderno e escreveu rapidamente o nome e o telefone. Aliás quase não deu para eu decifrar o nome que você escreveu. (FONSECA, 2010, p. 59).

Na segunda hipótese escolhida pelo protagonista, ele tenta diminuir a mulher. É interessante porque desperta, no leitor, o interesse em descobrir em qual das duas opções Ângela se encaixa. Essa ‘liberdade’ de imaginar aquilo que o texto não mostra, é comum na estrutura do conto, e Fonseca utiliza bastante isso em suas obras. Notemos a resposta do narrador sobre a segunda hipótese:

Que você é uma puta e sai com uma bolsa cheia de pedaços de papel escritos com o seu nome e o telefone. Cada vez que você encontra um sujeito num carro grande, com cara de rico e idiota, você dá o número para ele. Para cada vinte papelinhos distribuídos, uns dez telefonam para você. (FONSECA, 2010, p. 59-60).

Quando percebe que Ângela não sabe nada a seu respeito, o interesse do narrador acaba. A curiosidade passa a dar lugar a pressa em concluir seu passeio noturno. Observemos que o protagonista inverteu a situação, passando a deixar a mulher desconsertada:

Ângela ficou bebendo o martini como se não tivesse ouvido o que eu havia dito. Bebi minha água mineral. Ela olhou pra mim, querendo demonstrar sua superioridade, levantando a sobrancelha – era má atriz, via-se que estava perturbada – e disse: você mesmo reconheceu que era um bilhete escrito às pressas dentro do carro, quase ilegível. (FONSECA, 2010, p. 60).

Depois de perder o interesse por Ângela, o narrador quer terminar o encontro, que já o estava aborrecendo, para, finalmente, atingir o momento mais esperado da noite. Vejamos:

E se eu jurasse a você que a primeira hipótese é a verdadeira. Você acreditaria?  
 Não. Ou melhor, não me interesse, eu disse.  
 Como que não interessa?  
 Ela estava intrigada e não sabia o que fazer. Queria que eu dissesse algo que a ajudasse a tomar uma decisão?  
 Simplesmente não me interessa. Vamos jantar, eu disse. (FONSECA, 2010, p.60).

O narrador, apesar de entediado, mantém a conversa com a mulher. Ele faz um ‘aviso’ que Ângela entende como uma cantada, mas o leitor sabe que o sentido é totalmente diferente. Parece que o protagonista quer dar uma chance de fuga para a vítima, mesmo sabendo que ela não conseguirá escapar, mas pra que a situação fique mais excitante, já que pra ele estava fácil demais acabar com ela.

Ângela tomou mais dois martinis. Nunca fui tão humilhada em minha vida. A voz de Ângela soava ligeiramente pastosa. Eu se fosse você não bebia mais, para poder ficar em condições de fugir de mim, na hora que for preciso, eu disse. Eu não quero fugir de você, disse Ângela esvaziando de um gole o que restava na taça. Quero outro. (FONSECA, 2010, p. 60).

Vejamos, abaixo, um trecho que reafirma a inquietação do narrador por ainda está no restaurante com Ângela:

Aquela situação, eu e ela dentro do restaurante, me aborrecia. Depois ia ser bom. Mas conversar com Ângela não significava mais nada para mim, naquele momento interlocutório. (FONSECA, 2010, p. 61).

A irritação do protagonista começa a dar lugar a euforia. Ao sair do restaurante, ele sabia que o fim estava próximo. Apesar de toda ‘enrolação’, o leitor sabe, desde o início, que a intenção do narrador é matar Ângela. Mas, ao mesmo tempo que temos certeza do próximo ato do assassino, parece que o breve ‘envolvimento’ com a vítima, nos faz acreditar que possa existir algo bom no narrador que o faça desistir da crueldade que pretende. Esse poder de confundir as pessoas é visto em indivíduos psicopatas, como nos mostra a passagem abaixo:

[...] No entanto, o psicopata é capaz de ocultar sua natureza fria e predatória por trás de um charme cativante. Os psicopatas observam rapidamente como as outras pessoas reagem e se tornam excelentes imitadores das emoções normais e enganadores experientes. Em geral, são autoconfiantes, interessantes e bons contadores de casos, mas suas histórias não resistem a uma análise minuciosa. Sua atitude lisonjeira é sedutora, porém falsa. (DAYNES E FELLOWES, 2012, p. 22).

Observemos a cena que antecede a morte de Ângela:

A gente não vai se ver mais?, Ângela perguntou. Acho difícil. Todos os homens se apaixonam por mim. Acredito. E você não é lá essas coisas. O teu carro é melhor do que você, disse Ângela. Um completa o outro, eu disse. (FONSECA, 2010, p. 62).

Confirmamos, mais uma vez, que a única relação afetuosa que o narrador consegue ter é com carro. Ele fala do jaguar, deixando claro que os crimes não podem ser realizados sem carro. Dessa maneira, o protagonista se coloca em uma posição de impotência, já que ele não é ‘forte’ o suficiente para matar sozinho.

O narrador tenta explicar ao leitor o motivo pelo qual precisa executar a vítima, ‘ela sabia demais’. Vejamos:

Apaguei as luzes e acelerei o carro. Tinha que bater e passar por cima. Não podia correr o risco de deixá-la viva. Ela sabia muita coisa a meu respeito, era a única pessoa que havia visto o meu rosto, entre todas as outras. E conhecia também o meu carro. Mas qual era o problema? Ninguém havia escapado. (FONSECA, 2010, p. 62).

Percebemos como o assassino narra, orgulhosamente, a morte de Ângela. Analisamos que o protagonista não possui nenhum escrúpulo. Ele realiza os crimes com frieza e crueldade, causando pavor no leitor. Notemos:

Bati em Ângela com o lado esquerdo do para-lama, jogando o seu corpo um pouco adiante, e passei, primeiro com a roda da frente — e senti o som surdo da frágil estrutura do corpo se esmigalhando — e logo atropelei com a roda traseira, um golpe de misericórdia, pois ela estava liquidada, apenas talvez sentisse um distante resto de dor e perplexidade. (FONSECA, 201, p. 62).

O pai de família retorna para o lar satisfeito, de mais uma vez, ter finalizado o seu passeio noturno como sempre. Nesse ponto do conto, leva-nos a imaginar se a mulher do protagonista não sabe das suas atividades noturnas ou é apenas omissa aos seus atos. Ela parece nunca se preocupar com as saídas do marido. Vejamos:

Quando cheguei em casa minha mulher estava vendo televisão, um filme colorido, dublado. Hoje você demorou mais. Estava muito nervoso?, ela disse. Estava. Mas já passou. Agora vou dormir. Amanhã vou ter um dia terrível na companhia. (FONSECA, 2010, p. 63).

O narrador, assim como na primeira parte do conto, finaliza o dia lembrando ao leitor que na noite seguinte, outra vítima será morta. Essa impunidade pelos crimes cometidos pelo protagonista, deixa no leitor um sentimento de revolta e um questionamento: como pode um ser humano ser tão perverso a ponto de matar, a sangue frio, alguém, apenas para realizar o seu ego?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, neste trabalho, conceitos associados à Psicopatia, e como o indivíduo considerado psicopata age perante a sociedade. Percebemos que ainda existem divergências, entre os estudiosos, sobre o tema.

O primeiro a estudar as doenças mentais, o médico francês, Phillippe Pinel, definiu que o sujeito tido como psicopata é consciente de todos os seus atos. Ele apenas não possui empatia pelo próximo.

Diferente da visão que a maioria da sociedade tem, nem todo psicopata é assassino, assim como nem todo assassino é psicopata. É preciso ser submetido a exames que comprovem o diagnóstico.

Usamos como fundamentação teórica principal para falar da Psicopatia, o livro *Mentes Perigosas – O Psicopata Mora ao Lado* (2008), de Ana Beatriz Barbosa Silva, além de obras complementares de outros autores sobre o tema.

Após esse breve estudo sobre Psicopatia, apresentamos a história do conto, já que o *corpus* analisado no trabalho faz parte desse gênero. Explicamos a origem do conto, como surgiu e como foi sendo modificado no decorrer do tempo.

Edgar Allan Poe foi um dos grandes responsáveis em estabelecer normas essenciais a serem seguidas na elaboração do conto. Poe delimitou que o conto deveria ser curto, mas, que causasse, no leitor, o efeito proposto pela leitura.

Apresentamos alguns aspectos do conto defendidos por Júlio Cortázar (2006). O autor fala da dificuldade de explicar esse gênero e, segundo ele, não existem normas ideais a serem seguidas na elaboração.

O objetivo do nosso trabalho era analisar o conto *Passeio Noturno, I e II*, de Rubem Fonseca, e tentar relacionar o perfil do personagem principal às características apresentadas pelos autores sobre o psicopata.

Identificamos que o personagem apresenta comportamentos semelhantes ao do indivíduo psicopata, como a ausência de empatia, o isolamento social, a dupla identidade, e as atitudes perversas que ele comete no conto.

Podemos concluir que a leitura de Rubem Fonseca aborda a violência tão presente nos dias atuais da sociedade. Com isso, consegue despertar no leitor uma variação de sentimentos, como medo e indignação perante os crimes realizados pelo personagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASOY, Ilana. Serial Killers: made in Brazil. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2014.

CORTÁZAR, Julio. Valise de cronópio. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DAYNES, Kerry; FELLOWES, Jessica. Como identificar um psicopata: cuidado! Ele pode estar mais perto do que você imagina. São Paulo: Cultrix, 2012.

FONSECA, Rubem. Feliz ano novo. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

GOTLIB, Nádía Battella. Teoria do conto. 2.ed. São Paulo: Ática, 1985.

HARE, Robert D. Sem consciência: o mundo perturbador dos Psicopatas que vivem entre nós. Tradução de Denise Regina de Sales, revisão técnica José G. V. Taborda. Porto Alegre: Artmed, 2013.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. A arte do conto. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1972.

MECLER, Katia. Psicopatas do cotidiano: como reconhecer, como conviver, como se proteger. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Mentres perigosas: o psicopata mora ao lado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.